

formada por textos publicados em revistas e jornais, que versam sobre cinema, teatro, política ou assuntos do cotidiano, mas sempre com suas marcas características, que inclui a inteligência aguda e o olhar irônico.

Agora, a atriz aplaudida pela crítica por filmes como *Gêmeas* e *Casa de Areia* e em peças como *A Marvada Carne* e *A Casa dos Budas Ditosos*, apresenta um retrato marcante da televisão, da sociedade e do teatro brasileiro. Em 216 páginas, a filha da dama do teatro brasileiro, Fernanda Montenegro, narra no novo romance uma história que tem como pano de fundo o universo da atuação. Trata-se de *A Glória e Seu Cortejo de Horrores*, também lançado selo Companhia das Letras, que conta a história de Mario Cardoso, um ícone nacional da teledramaturgia brasileira que, aos 60 anos, precisa reinventar em um novo projeto. O título da nova obra, *A Glória e seu Cortejo de Horrores*, é uma frase de sua mãe, que resume os altos e baixos na vida de um artista. Neste cenário, ela faz uma relação entre a arte e a história do Brasil. Na história, ele decide encenar uma versão de *Rei Lear* e as coisas não saem exatamente como esperava. Mescla eletrizante de comédia de erros com a velha e nem sempre boa vida como ela é, o livro atravessa diversas fases da carreira de Mario e da história recente do Brasil, suas lembranças de juventude no teatro político, a incursão pelo Cinema Novo dos anos 1960, a efervescência hippie do Verão do Desbunde, o encontro com o teatro de Tchekhov, a glória como um dos atores mais famosos de uma época em que a televisão dava as cartas no País.

V&A - Atriz há mais de 35 anos, você também é autora de *Fim e Sete Anos*. Quando decidiu se tornar escritora? O universo da televisão, do teatro e cinema brasileiros em que sempre esteve inserida influenciou nesta decisão?

Fernanda Torres - Veio como uma continuação do meu trabalho como atriz. Comecei a escrever roteiros de cinema, vinte anos atrás. Quando fiz *Terra Estrangeira*, com o Walter Salles e a Daniela Thomas, o Walter trouxe a Daniela do teatro e ambos se valeram do trabalho de improviso de teatro, junto com os atores, testando as cenas, os diálogos. Na mesma época, a minha geração começou a fazer cinema. Escrevi *O Redentor* com meu irmão, Claudio Torres e a Elena Soárez. Em *A Casa dos Budas Ditosos*, peça que fiz com o Domingos de Oliveira, grande parte do ensaio foi gasto na adaptação do livro do João Ubaldo. Cresci assistindo aos ensaios dos meus pais, com Durremat, Nelson, Millôr e O'Neill na sala de casa, mais tarde, quando comecei a trabalhar, reinava o teatro do improviso, que te obriga a entrar na pele de um personagem e fazê-lo existir, ambas experiências me ajudaram a escrever. Dez anos atrás, fui chamada pelo Mario Sérgio Conti para escrever artigos na Piauí, as colunas da *Veja Rio* e da

Folha vieram na sequência. Escrever colunas semanais me deu a prática da escrita, a noção de ritmo, de clareza, foi um longo caminho que me levou à literatura, algo que nunca acreditei que seria capaz de fazer, mas que veio como consequência do teatro, do cinema e da atividade de cronista. Não houve uma decisão, foi algo que aconteceu como consequência do acaso, da curiosidade, do risco e de uma certa capacidade de concentração.

V&A - Em *A Glória e Seu Cortejo de Horrores* você revê passagens da história recente do Brasil. Por que você decidiu fazer um retrato marcante da televisão, da sociedade e do teatro brasileiros neste novo livro?

Fernanda Torres - Escrevi o capítulo da Tijuca, foi a primeira pincelada do livro. O personagem ainda não era um ator, o Mario ainda não existia e tive dificuldade de dar sequência ao livro, pois não sabia bem quem ele era. Eu havia lido um livro do David Hare, um autor e diretor inglês, sobre a experiência dele como ator num monólogo que ele mesmo havia escrito. Era um livro trágico e cômico, Hare narrava a tortura de estar em cena. Quando terminei, vi que o teatro poderia ser um grande assunto, o drama de um ator. Abandonei a Tijuca e escrevi a catástrofe de um Lear de shopping center, o primeiro capítulo do *Glória*, baseado na minha experiência pessoal numa montagem fracassada do Lear, em que sofri ataques constantes de riso no papel de Cordélia. Quando terminei, vi que o personagem da Tijuca poderia ser aquele ator e o livro começou a ganhar forma. Eu quis fazer uma reflexão, que me é cara, sobre a potência que a arte já teve, como instrumento de transformação da sociedade, de reflexão, e o isolamento que ela vive, hoje. Você pode contar a história de um país através de um médico, um policial, um advogado, um operário, um político, mas decidi contá-la pelo viés de um ator.

V&A - Na obra, você acompanha as desventuras de Mario Cardoso, um ator de meia-idade, desde os dias de sucesso como astro de telenovela até o total declínio. Fale um pouco sobre a história.

Fernanda Torres - Como disse, é um pouco a história do Brasil. Ela começa na universidade, com o teatro engajado, passa pelo desbunde, por Tchekov, por Plínio Marcos, a Rússia tem muito parentesco com o Brasil, o território extenso, a servidão tardia, e Plínio é a nossa mi-xórdia. Através do personagem da Raquel, falo da Pornochanchada cabeça, os militares proibiram a política, mas liberaram o sexo, e muitos diretores encontraram na indústria da Pornochanchada um lugar para fazerem resistência, tenho fascínio pelas pornochanchadas cabeça. Depois do teatro, o Mario parte para uma experiência herdeira do Cinema Novo, com Guimarães Rosa, até que chega na única indústria criativa do Brasil, a televisão.